

A estratégia russa no conflito da Ucrânia: contribuições para a doutrina militar brasileira

*Carlos Eduardo de Matos Barboza**

Introdução

A interferência da Federação Russa no conflito da Ucrânia, em 2014, trouxe à tona o que muitos consideram um novo conceito de guerra, conhecido no mundo ocidental pelo nome de guerra híbrida ou guerra de nova geração. O que se viu foi a combinação sinérgica de ações de forças convencionais e irregulares, realizando operações de informação, de guerra eletrônica e de guerra cibernética, gerando efeitos no campo de batalha bem maiores do que se realizadas por meio do combate convencional.

Para compreender a interferência russa e sua participação no conflito, é preciso lembrar sua história e geopolítica, sua influência étnica-cultural sobre os Estados vizinhos e seus objetivos políticos na pós-bipolaridade. Da outra parte, é mister entender por que a Ucrânia, que teve sua formação territorial umbilicalmente ligada à Rússia, se fez vítima indefesa dos objetivos políticos de Putin, e como suas vulnerabilidades foram exploradas militarmente.

Por meio da ligação entre as ações e os fins políticos da Federação Russa, é possível concluir sobre a estratégia adotada, verificando-se que o papel dos meios não militares de atingir objetivos

políticos e estratégicos cresceu e, em muitos casos, excedeu o poder da força das armas em sua eficácia. Porém, resta evidente que as ações militares convencionais não deixaram de existir, mas foram aplicadas de uma nova forma e em sinergia com as não militares, fornecendo contribuições cujo estudo é útil para a Doutrina Militar brasileira.

Contexto histórico e geopolítica

Cada país possui uma interpretação específica da sua conjuntura geopolítica. Deve-se buscar, em uma breve volta ao passado, as condições geográficas e políticas que influenciaram a atual conjuntura geopolítica russa, justificando assim a atuação de sua política externa.

Contexto histórico

Os Vikings da Escandinávia invadiram a região compreendida entre o mar Báltico e o mar Negro, no século IX, procurando ampliar suas rotas comerciais. Ao longo das rotas comerciais Vikings, ficavam as cidades de Novgorod (na atual Rússia, a sul de São Petersburgo) e Kiev (atual capital ucraniana).

Rurik, o líder de um povo escandinavo chamado Rus, assumiu o controle de Novgorod em

* Maj Cav (AMAN/00, EsAO/08). Atualmente é aluno da ECEME.

862 d.C. Rurik e seus sucessores estabeleceram um governo sobre Kiev e sobre as tribos eslavas próximas. A grande região sob seu controle era chamada de Rus.

Segundo a historiografia russa, o primeiro líder a começar a unir as terras eslavas do Leste, no que se tornou conhecido como Rússia de Kiev, foi Oleg, príncipe viking que, juntamente com seu povo, deslocou-se de sua terra de origem, a Escandinávia, seguindo o curso dos rios do Leste Europeu, fixando-se nesta região. Para melhor controlar as rotas comerciais, Oleg deslocou a capital, de Novgorod para Kiev, que era um posto avançado central ao longo da rota do rio Dnieper e um entroncamento com a rota de comércio terrestre Leste-Oeste, entre os khazares, seminômades da Ásia Central, e as terras germânicas da Europa Central. Essas conexões comerciais enriqueceram os mercadores e príncipes de Rus, financiando forças militares e a construção de igrejas, palácios, fortificações e outras cidades. Bielorrússia, Ucrânia e Rússia reivindicam a Rússia de Kiev como seu ancestral cultural. (PLOKHY, 2006)

Por volta do século XIV, o território hoje conhecido como Ucrânia foi conquistado pela Polônia e pelo Grão-Ducado da Lituânia, iniciando a série de influências externas e migrações populacionais.

Uma rebelião em 1648 contra a Polônia ocasionou a partilha da Ucrânia entre a Polônia e a Rússia, após o tratado de *Pereyaslav*. A partilha da Polônia, no século XVIII, entre a Prússia, a Áustria e a Rússia, dividiu aquele pedaço do território ucraniano, conquistado no século XIV pela Polônia, entre o Império Austríaco e o Império Russo.

A queda do czar após a Revolução Russa de 1917 e o esfacelamento da Áustria-Hungria após

a Primeira Guerra Mundial fizeram renascer um movimento ucraniano de autodeterminação.

Fruto desse esfacelamento da Áustria-Hungria, a porção ocidental do território foi incorporada à Polônia e a parte maior, no centro e no leste, transformou-se na República Socialista Soviética Ucraniana, posteriormente unida à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), quando esta foi criada em 1922.

Após a Segunda Guerra Mundial, as fronteiras da Ucrânia soviética foram ampliadas na direção oeste, unindo a maior parte dos ucranianos sob uma única entidade política. A maioria da população não-ucraniana dos territórios anexados foi deportada e Joseph Stalin incentivou a migração russa para a região.

A Crimeia, que fazia parte do império russo, teve sua população nativa, os tártaros, deportados após a Segunda Guerra Mundial, bem como perdeu sua condição de república autônoma. O governo soviético, então, enviou levas de colonos russos para ocupar as terras da Crimeia. (RINGIS, 2016)

A fim de conter o movimento nacionalista ucraniano pós-guerra, a Crimeia foi cedida por Nikita Krushev à Ucrânia em 1954. Assim, a Ucrânia ficou de posse da terra que pertencia ao povo tártaro, que era muçulmano. Isso colocou, intencionalmente, as repúblicas da Ásia Central e os muçulmanos da URSS em oposição à Ucrânia, que deixaram de considerá-la como aliada contra o imperialismo russo. Além disso, outro resultado foi a mudança na relação entre a Turquia e a Ucrânia. (INTERNATIONAL COMMITTEE FOR CRIMEA, 2005)

Após a dissolução da URSS em 1991, a Ucrânia conquistou sua independência. No entanto, em seguida, passou por profunda recessão econômica e por instabilidades políticas, culminando,

em 2004, na Revolução Laranja, grandes manifestações após a disputa eleitoral entre Viktor Yushchenko e Viktor Yanukovich. O resultado oficial declarou Yanukovich como vencedor e os protestos alegando fraude eleitoral eclodiram em diversas regiões do país. Após novas eleições, Yushchenko foi finalmente declarado presidente.

Disputas com a Rússia sobre dívidas de gás natural interromperam brevemente todos os fornecimentos de gás à Ucrânia em 2006 e novamente em 2009, levando à escassez do produto também em vários outros países europeus (QUEIROZ e QUINTSLR, 2018). Logo depois, Viktor Yanukovich foi novamente eleito presidente, em 2010.

Em fins de 2013, a Ucrânia encontrava-se novamente abalada por uma forte crise econômica. O presidente Yanukovich tendia em aceitar um empréstimo de cerca de US\$15 bilhões da Rússia, enquanto os cidadãos ucranianos exigiam uma maior integração do país com a União Europeia (UE). A recusa de Yanukovich em assinar um acordo comercial com a UE resultou no movimento conhecido como *Euromaidan* e os protestos provocaram a sua destituição pelo Parlamento da Ucrânia em 22 de fevereiro de 2014.

No fim dos anos 90, a OTAN já ia se expandindo para leste, desde a Alemanha até as fronteiras da Federação Russa com os Países Bálticos. E em 2014 essa situação era ainda mais preocupante, com essa expansão ameaçando chegar às fronteiras russas com a Ucrânia.

Geopolítica

O acesso da Rússia aos oceanos, com exceção do Ártico (cujos portos ficam em águas congeladas na maior parte do ano), é limitado. Os acessos que possui são limitados por outros países europeus, que os controlam. Um deles é através

do mar Negro e do estreito de Bósforo, uma passagem estreita controlada pela Turquia e que facilmente pode ser fechada. O outro é a partir de São Petersburgo, onde os navios podem navegar através de águas dinamarquesas, passagem também facilmente bloqueável. O terceiro é por meio da longa rota do Oceano Ártico, a partir de Murmansk e passando por entre a Groenlândia, a Islândia e o Reino Unido. Isso mostra a vulnerabilidade que a Rússia enfrenta devido à restrição de acessos aos oceanos.

Além disso, a maior parte da sua população concentra-se ao longo da fronteira Oeste, com a Europa, e da fronteira Sudoeste, com o Cáucaso, entre o mar Negro e o Cáspio. As regiões a Oeste e a Sul da Rússia são consideradas as áreas mais produtivas e vitais para o país. Portanto, a maior vulnerabilidade russa está no Oeste, e em segundo lugar, no Cáucaso. (FRIEDMAN, 2016)

A Rússia situa-se na planície europeia, com poucas barreiras naturais para bloquear um inimigo que venha de Oeste. A Leste dos Cárpatos, estende-se uma planície para o Sul, abrindo-se “uma porta” para a Rússia. E, com muitas atividades econômicas próximas à fronteira, com poucas barreiras naturais, reside o risco do acesso facilitado.

Daí explica-se a histórica tentativa de mover a fronteira o mais para Oeste possível, proporcionando profundidade a sua defesa, assim como maiores oportunidades econômicas.

Neo-urasianismo ou Escola Expansionista Eurasiana

O termo eurasianismo surgiu pela primeira vez no século XIX. Defendia que o Império Russo fosse desenvolvido sobre valores e instituições derivadas de tradição autóctone, e não a partir daqueles

importados do ocidente. Rejeitava, categoricamente, o projeto do Czar Pedro, “o Grande”, para “europeizar” a Rússia. (SANTOS, 2008)

Para Gaspar (2004, apud TEIXEIRA, 2009), pretendendo voltar a ser reconhecida como uma grande potência e na busca de um reequilíbrio geopolítico, surgem, na Rússia, sinais dos antigos ideais do Eurasianismo. Essas ideias tornaram-se marcantes nos governos de Dmitri Medvedev (2008-2012) e Vladimir Putin (2000-2004; 2004-2008; 2012- 2018; 2018-____).

O principal teórico do Eurasianismo na atualidade é Alexander Dugin, professor da Universidade Estatal de Moscou. Fundador do Movimento Político e Social Eurásia, prega a primazia do Estado sobre o indivíduo. Sua obra reintroduz temas da geopolítica clássica, de autores como Halford Mackinder e Klaus Haushofer. Se a Eurásia é o centro do mundo, a Rússia tem que ser, na opinião de Dugin (1997),² o centro da Eurásia. Ele se inspira na ideia das pan-regiões de Haushofer e as redesenha para defender, contra o mundo unipolar da globalização atual, um novo modelo de globalização multipolar. Assim, a zona Anglo-Americana (Atlantista) seria contrabalançada.

Segundo Teixeira (2009), Dugin “apresenta o conceito filosófico de Eurasianismo do século XXI ou Neo-eurasianismo como sendo uma alternativa à globalização”. Na sua avaliação, “a globalização pretende universalizar o pensamento ocidental, é a unificação de diferentes estruturas sociais, políticas, econômicas, étnicas, religiosas e nacionais em um só sistema. É a imposição do paradigma Atlântico”. O pensamento neo-eurasiânico não visualiza o sistema de governo com base nos valores liberais e democráticos como sendo o único caminho para a humanidade,

rejeitando a versão Atlântica de globalização. O Império Eurasiânico será construído sob o princípio fundamental do inimigo comum: a rejeição do Atlanticismo - o controle estratégico dos EUA, e a recusa em permitir que valores liberais nos dominem, escreveu Dugin (1997).

Doutrina militar russa

Em 25 de fevereiro de 2013, a revista russa de assuntos militares chamada VPK publicou um artigo escrito pelo Chefe do Estado-Maior Geral da Federação da Rússia, general Valery Gerasimov, com o título “O Valor da Ciência Está na Previsão: novos desafios demandam repensar as formas e os métodos de conduzir as operações de combate” (tradução nossa). Nesse artigo, Gerasimov apresentou suas ideias a respeito da guerra no futuro.

O foco dos métodos aplicados nos conflitos foi alterado na direção da ampla utilização de medidas políticas, econômicas, informativas, humanitárias e outras não militares – aplicadas em coordenação com o potencial de protesto da população. Tudo isto complementado por meios militares de um personagem oculto, incluindo a realização de ações de conflito informacional e as ações das forças de operações especiais. O uso aberto de forças – muitas vezes sob o disfarce de manutenção da paz e regulação de crise – é utilizado apenas em um certo estágio, principalmente para o alcance do sucesso final no conflito.

[...]

A derrota dos propósitos do inimigo é conduzida ao longo de toda a profundidade do seu território. As diferenças entre os níveis estratégico, operacional e tático, bem como entre as operações ofensivas e defensivas, estão sendo apagadas. (GERASIMOV, 2013) (tradução nossa)

O artigo foi publicado um ano antes dos protestos na praça Maidan que deram sequência aos eventos que culminaram com a anexação da Crimeia e com a insurreição da população de origem russa no leste ucraniano.

Por ter sido produzida antes da anexação russa da Crimeia e das ações no leste ucraniano, a doutrina contida nesse artigo é considerada no Ocidente como a nova forma de guerra que foi utilizada nos conflitos na Ucrânia, conhecida como “Doutrina Gerasimov” (BARTLES, 2016). Devido as semelhanças com os aspectos do conceito já existentes da guerra híbrida e ao sucesso das ações russas apresentado no conflito da Ucrânia, ocorreu o alargamento do citado conceito, sua vinculação ao conflito e sua consagração nos dias atuais.

No entanto, essa percepção do conceito e do conflito é geralmente apresentada sob o prisma Ocidental. Para analisá-los com maior precisão, é preciso entendê-los sob a ótica russa.

Do ponto de vista russo, os EUA, a fim de atenderem a objetivos geopolíticos, provocam interferências e mudanças de regime nos países ao redor do mundo.

Porém, os russos acreditam que a maneira como os EUA provocam trocas de regime mudou, por meio do emprego da força militar de uma forma adaptada (GERASIMOV, 2014). Em vez de realizarem uma invasão militar declarada, com possibilidade de desgaste face à opinião pública, a primeira ação é a instalação e/ou reforço de uma oposição política por meio de propaganda, utilizando redes de televisão, a internet, as mídias sociais e as organizações não-governamentais (ONG). Após a provocada instigação da dissensão política, do separatismo e do conflito social, o governo legítimo passa a ter dificuldades

em manter a ordem. À medida que a situação interna se deteriora, os movimentos separatistas são estimulados e fortalecidos. Então, operações especiais encobertas e forças militares privadas podem ser introduzidas para lutar contra o governo e causar mais danos. E quando o governo é forçado a usar crescentes e violentos métodos para manter a ordem, os EUA ganham o pretexto para a imposição de sanções políticas e econômicas, ou mesmo militares, como zonas de exclusão aérea, a fim de limitar a liberdade de ação desse governo. Com a queda do governo e a situação de anarquia resultante, forças militares com o disfarce de forças de paz podem ser empregadas para pacificar a área e um novo governo favorável aos EUA e ao Ocidente pode ser instalado.

Analistas russos têm usado o termo “Revolução Colorida” ao discutir a Revolução das Rosas na Geórgia em 2003, a Revolução Laranja na Ucrânia em 2004 e a Revolução das Tulipas no Quirguistão em 2005. Os militares russos agora ligaram esse termo “Revolução Colorida” à crise na Ucrânia e ao que eles veem como uma nova forma de guerra que cria revoluções desestabilizadoras em outros Estados como meio de servir a interesses do Ocidente, a baixo custo e com o mínimo de baixas. Isto foi visto como uma ameaça potencial à Rússia, à China e aos Estados asiáticos não alinhados com os EUA, e como meio de desestabilizar países no Oriente Médio, na África e na Ásia Central. (CORDESMAN, 2014)

O experimento das Revoluções Coloridas pode ser aplicado em qualquer parte do mundo. O modelo já foi testado no Oriente Médio e no norte da África. Lembramos das tentativas de implementar o conceito das Revoluções Coloridas no espaço da antiga URSS. No passado

recente, isto aconteceu nos países da Ásia Central e na Geórgia. Agora é na Ucrânia. (SHOY-GU, 2014) – Ministro da Defesa da Federação Russa (tradução nossa).

É aí que essa nova forma de guerra do Ocidente, sob o ponto de vista russo, pode ser facilmente identificada com o polêmico artigo de Gerasimov e a doutrina militar russa atual. Essa mudança na ameaça à soberania, nesse ponto de vista, está direcionando o foco dos militares russos para o desenvolvimento de capacidades para conter essas ameaças assimétricas e indiretas. Segundo eles, os meios para implementar essas capacidades seriam tão indiretos e assimétricos quanto as ameaças que pretendem conter, podendo ser forças convencionais não-declaradas, forças de paz, tropas de operações especiais, Cossacos, forças militares privadas, criminosos, ONG patrocinadas, agentes de propaganda e hackers.

Tudo isso corrobora o pensamento de Bartles (2016), que afirma que, para os russos, guerra híbrida é um conceito ocidental e que eles nunca o discutiram, exceto para mencionar o uso do termo pelo Ocidente, bem como a aplicação daquele tipo de guerra contra a Rússia. Ressalta, então, que não há novidade em utilizar todos os meios do poder nacional para atingir os objetivos do Estado, mas sim ineditismo na maneira como os russos enxergam a aplicação dos meios não militares. Para eles, a guerra é hoje conduzida por meios não militares, em uma proporção cerca de quatro vezes maior do que os meios militares. Segundo Bartles, enquanto o Ocidente considera esses meios não militares como formas de evitar a guerra, os russos os consideram como meios para fazer a guerra.

Ações da Federação Russa nas diversas fases do conflito

Crimeia

Após a fuga de Yanukovich do país, dois prédios do governo, incluindo o Parlamento, em Simferopol, capital da Crimeia, foram tomados rapidamente, no dia 27 de fevereiro de 2014, por homens encapuzados, armados de metralhadoras e granadas, que logo em seguida hastearam a bandeira russa nos edifícios. Enquanto isso, do lado de fora, centenas de manifestantes pró-Rússia se confrontavam com muçulmanos tártaros que apoiavam o novo governo ucraniano. O controle de prédios públicos é considerado simbólico, pois veicula a imagem de que o governo é incapaz de defender-se.

Na noite do mesmo dia, homens armados em uniformes militares sem insígnias tomaram o aeroporto de Simferopol e o aeroporto militar de Sebastopol. Aproximadamente dois batalhões aerotransportados russos e tropas de operações especiais (*Spetsnaz*) foram deslocados por via aérea para a Crimeia sob o pretexto de proteger a população de origem russa. A posse desses terminais de transporte permitiu à Rússia controlar a entrada de forças por via aérea na península. (EUA, 2015)

Durante todo o dia seguinte, outros locais estratégicos foram tomados por tropas semelhantes, incluindo a sede da companhia de televisão estatal e instalações da *Urktelecom*, responsável pela maioria das comunicações por telefone e internet na península. Veículos militares russos começaram a aparecer e milícias locais foram vistas apoiando os homens de uniforme (UKRAINE. CSIS.ORG, 2014a).

As unidades militares ucranianas em Perevalnoye, Yevpatoria, Belbek e na base naval em

Sebastopol foram cercadas por forças sem identificação e paramilitares. Autoridades russas negaram que tais forças fossem tropas de soldados russos, chamando-as de forças de autodefesa que estavam utilizando uniformes adquiridos no comércio. (THE ATLANTIC, 2014)

Horas depois, o parlamento da Crimeia votou em favor da integração à Rússia e o governo pró-Moscú anunciou a realização de um referendo para consulta à população.

Em Simferopol, homens armados terminaram de tomar todas as estações de mídia ainda em operação na cidade, fazendo trocar suas programações por aquelas do canal de notícias russo *Rossiya 24*. (EUA, 2015)

Em 13 de março, os endereços eletrônicos de treze sítios de internet conhecidos por serem pró-Ucrânia e contra o governo russo foram bloqueados. O Kremlin negou as acusações de censura e pressão sobre a mídia. (GUTTERMAN, 2014)

Em 15 de março, entre 60 e 120 soldados russos, apoiados por helicópteros e veículos blindados, ocuparam o centro de distribuição de gás natural próximo a Strilkove, uma faixa de terra peninsular entre a Ucrânia e a Crimeia. Esse centro é o nó do gasoduto que transporta o gás de origem russa, passando pela Ucrânia, para a Crimeia, e fornece quase toda a energia que nesta é consumida. (UKRAINE.CSIS.ORG, 2014b)

De acordo com a comissão eleitoral da Crimeia, o resultado final do referendo realizado no dia 16 de março indicou que 96,8% dos participantes foram a favor da reunificação com a Rússia. O Parlamento da Crimeia, após a divulgação do resultado, declarou a independência em relação à Ucrânia, formalizando petição para anexação à Rússia e reivindicando a comunidade internacional o reconhecimento da Crimeia

como Estado independente. Finalmente, o presidente russo Vladimir Putin, o primeiro ministro da Crimeia, Sergey Aksyonov, e o prefeito de Sebastopol, Alexey Chaly, assinaram um acordo de reunificação entre a Crimeia e a Federação Russa, no dia 18 de março, sob protestos do governo ucraniano. (UKRAINE.CSIS.ORG, 2014c)

Com os soldados ucranianos cercados em suas instalações militares, em menos de 4 semanas, os russos, com o apoio de milícias locais, capturaram cerca de 189 instalações militares ucranianas, quase sem disparar um tiro. A Ucrânia perdeu a Crimeia mais devido a sua inação do que em razão das ações russas. Os russos e seus apoiadores usaram uma combinação de bloqueios navais, barricadas para impedir a saída de soldados de suas bases, guerra psicológica, intimidação e suborno para convencer a maior parte das unidades ucranianas a se render sem oferecer resistência. O grande número de russos étnicos nas unidades militares na Crimeia que se recusaram a lutar pela Ucrânia e a falta de ações concretas do governo em Kiev deram aos russos uma relativamente fácil vitória militar.

Leste ucraniano

Os *oblasts* (províncias) de Donetsk e Luhansk estão localizados no leste da Ucrânia. Eles têm muitas características comuns e são unidos sob o nome “Donbas”. A palavra “Donbas” é uma abreviação de duas palavras: “Donetsky Bassein” (bacia de carvão de Donetsk). Donetsk e Luhansk compartilham uma fronteira com a Federação Russa.

Até 2014, a fronteira oriental estava mal equipada, porque a fronteira ucraniano-russa herdou não a fronteira externa da URSS (uma fronteira federal, com equipamento adequado), mas sua

fronteira administrativa (inter-republicana). Sua demarcação começou apenas em 2010. Esse fator facilitou travessias ilegais para a Ucrânia, a partir da Rússia. (BALABAN, VOLYANYUK, *et al.*, 2017)

Trabalhadores qualificados da Rússia e pessoas de diferentes nacionalidades, procurando por uma vida melhor, foram para Donbas, que foi um dos principais centros industriais do Império Russo e, depois, da União Soviética.

Porém, com o fim da União Soviética, o colapso daquele complexo industrial soviético interconectado, o principal consumidor da produção de Donbas, e a dolorosa transição de uma economia planificada para uma economia de mercado, levou ao declínio das fábricas e minas. O desemprego aumentou acentuadamente. E mais recentemente, o declínio da indústria pesada na economia e a incapacidade de competir com os novos países industrializados (China, Índia etc.) trouxeram desemprego e vulnerabilidade social. (BALABAN, VOLYANYUK, *et al.*, 2017)

A população de origem russa nas províncias de Donetsk e Luhansk não negava a cidadania ucraniana, mas era a favor de boas relações com a Rússia. Essa boa aproximação foi usada por Moscou para lentamente formar uma rede de colaboradores, insurgentes, organizações civis e partidos políticos, que sustentavam a narrativa de que a população de origem russa era oprimida pela maioria ucraniana.

Protestos vinham ocorrendo em Donbas desde quando as manifestações na praça Maidan começaram em Kiev. Após diversas tentativas em fevereiro, manifestantes finalmente conseguiram ocupar o prédio da administração regional de Donetsk em 6 de abril de 2014, exigindo uma sessão legislativa extraordinária para implementar um referendo para a independência da região.

Ativistas realizaram uma reunião no prédio da administração regional e votaram a favor da independência em relação à Ucrânia, declarando fundada a “República Popular de Donetsk” (RPD). Em Luhansk, os separatistas também ocuparam o edifício da administração regional, em 9 de abril de 2014, e criaram um governo paralelo, a “República Popular de Luhansk” – RPL.

De uma maneira geral, nas duas situações a tática básica era convocar uma manifestação, assegurar que as milícias e os líderes políticos que apoiavam as forças separatistas estavam presentes, e depois simplesmente encorajar a multidão a invadir o prédio. E então erigir barricadas e posições fortificadas fora dos prédios do governo, delegacias de polícia e centros municipais.

Por toda a região de Donbas, milícias locais montaram *checkpoints* para prevenir a chegada de reforços do exército ucraniano, tomaram prédios do governo e nomearam novos administradores. Ao mesmo tempo, continuava a campanha pelo reconhecimento da independência, na televisão, no rádio e nas mídias sociais.

Batalhas de Donetsk, Zelenopillya, Ilovaisk e Debaltseve

Violentos combates ocorreram no aeroporto de Donetsk, um dos mais modernos da Europa. Os ucranianos temiam que a Rússia pudesse usar o aeroporto para infiltrar tropas em Donbas, assim como fizeram na Crimeia. Além disso, o aeroporto tinha um valor simbólico para a Ucrânia, pois passou por grandes reformas para sediar os jogos do campeonato de futebol da UEFA em 2012.

Nessa batalha foi significativa a participação clandestina do batalhão *Vostok*, composto em sua maioria por combatentes chechenos, cedidos pelo

presidente daquela província, Akhmad Kadyrov³, ao governo russo. (LUHN, 2014)

A batalha de Zelenopillya ocorreu em 11 de julho de 2014. Foi a tentativa russa de conter a recuperação ucraniana e marcou a transição para a fase do combate convencional de larga escala. Às 04h30min desse dia, nos arredores da cidade de Zelenopillya, na província de Luhansk, forças de reconhecimento russas e separatistas, com suporte de aeronaves remotamente pilotadas, identificaram uma Zona de Reunião ucraniana, com elementos da 24^a Brigada Mecanizada, da 72^a Brigada Mecanizada e da 79^a Brigada Blindada. Forças russas desencadearam ataques cibernético e eletrônico contra essas brigadas ucranianas, que neutralizaram seus sistemas de Comando e Controle (C²), limitando a capacidade de se comunicarem. Sem seus sistemas funcionando, os soldados ucranianos passaram a utilizar seus aparelhos telefônicos celulares, iluminando o espectro eletromagnético, o que permitiu que ações de guerra eletrônica russas identificassem a localização precisa das forças ucranianas. Forças russas, organizadas em estruturas modulares de nível batalhão, lançaram um massivo ataque com fogos de foguetes sobre as brigadas ucranianas. Relatos afirmam que os russos empregaram baterias de lançadores múltiplos de foguetes BM-21 *Grad* e 9A52-4 *Tornado*, utilizando munições termobáricas e *cluster*. (GRYTSENKO, 2015)

Por sua vez, a batalha de Ilovaisk foi a mais sangrenta do conflito na Ucrânia, deixando um grande número de mortos e feridos. Ilovaisk está localizada na província de Donetsk, sobre uma importante estrada que liga a capital de Donetsk à Rússia. Constituía, assim, uma essencial linha de comunicação para russos e separatistas. Essa batalha e seu grande número de vítimas levaram

à assinatura do Protocolo de Minsk em 5 de setembro de 2014.

Debaltseve foi a última peça territorial necessária para unir a RPD à RPL e completar o objetivo de uma *Novorossiia*. Para as forças russas e separatistas, a cidade de Debaltseve era importante porque ligava a RPD à RPL, por via ferroviária e via estrada M04, além de conectar a região de Donbas com a Rússia, por meio da estrada M03.

A Rússia e os separatistas procuraram completar um cerco, aproveitando a flange formada por tropas ucranianas na área controlada pelos rebeldes, buscando fechar a faixa de terreno que ainda ligava a cidade às linhas ucranianas. (FOX, 2017)

As forças russas e separatistas cercaram a cidade e, inicialmente, não investiram sobre ela, evitando o combate em área urbana. Os batalhões russos utilizaram Aeronaves Remotamente Pilotadas para identificar as posições das tropas ucranianas, após o que realizaram fogos de baterias de foguetes BM-21 *Grad*. Os prédios e a infraestrutura da cidade foram atingidos, deixando os combatentes ucranianos em dificuldades, em um clima de temperaturas abaixo de zero e neve. (FOX, 2017)

O cerco da cidade e os ataques contra as defesas ucranianas continuaram em fevereiro e, em conjunto com outras ações no conflito, levaram ao segundo acordo de Minsk, em 12 de fevereiro de 2015. No entanto, o acordo de nada adiantou para interromper a luta. Quando os comandantes ucranianos perceberam que a situação estava se tornando catastrófica, resolveram retirar suas tropas. Os governos de Kiev e Moscou chegaram a um acordo para estabelecer um corredor para permitir que as forças ucranianas se retirassem pacificamente de Debaltseve. Foi uma retirada desorganizada. Forças pró-Rússia emboscaram

a coluna pela manhã. Os sobreviventes tiveram que continuar a pé, pelos campos e florestas, tentando chegar às linhas ucranianas, deixando seus mortos e feridos para trás. A cidade de Debaltseve caiu nas mãos dos separatistas pró-Rússia, da RPD e da RPL, em 18 de fevereiro de 2015 (LUHN e GRYTSENKO, 2015).

A Batalha de Debaltseve foi o último grande episódio da guerra. Ofensivas em larga escala já não ocorrem mais, porém, o cessar-fogo tem sido violado regularmente, até os dias atuais.

Voluntários, mercenários e funerais secretos

É certo que as operações convencionais contra Estados soberanos convidariam o escrutínio não desejado, a pressão internacional e o protesto doméstico dentro da Rússia. Assim, para manter o seu controle sobre a Ucrânia, a Rússia teria de empregar o poder de uma forma clandestina, negável.

A fim de encobrir a sua participação no conflito, as tropas russas tomaram algumas medidas, como cobrir as identificações nas suas viaturas e evitar usar quaisquer insígnias que pudessem ligá-las às Forças Armadas russas. Muitos oficiais russos utilizaram documentos de identidade falsos e os soldados fingiram ser voluntários ou mercenários.

Dentre esses voluntários, havia alguns ex-oficiais dos serviços especiais de inteligência da Rússia e oficiais militares de carreira, pessoas com experiência de combate e pessoas com passado criminoso. Muitas vezes, esses cidadãos tornaram-se figuras chave nas tropas dos separatistas, como o ex-oficial de inteligência Igor Girkin, Arseny Pavlov (veterano da guerra chechena, também conhecido como “Motorola”) e Aleksandr

Mozhayev (também conhecido como “Babay”). O recrutamento, armamento e implantação desses combatentes “voluntários” no território da Ucrânia foi frequentemente organizado com a participação das autoridades russas.

O cidadão russo “voluntário” para lutar em Donbas recebia uma compensação material. O dinheiro para apoiar os combatentes vinha de fundações russas, que eram financiadas com o apoio ativo de autoridades da Federação Russa. (SHORINA e YASHIN, 2015)

Desde o início do conflito, as autoridades russas esconderam os dados sobre o número de cidadãos russos mortos no território da Ucrânia, e ainda mais o número de soldados russos que participaram em ações de combate.

Informações sobre os militares russos mortos em Donbas permaneceram em segredo por um longo tempo. As autoridades militares russas declaravam os soldados mortos como falecidos em treinamento na região de Rostov e providenciavam o sepultamento, sem a participação de parentes. As famílias dos soldados mortos também tentavam não atrair a atenção. Os parentes dos falecidos recebiam grandes compensações financeiras e assinavam termos de manutenção do sigilo. (SHORINA e YASHIN, 2015)

Operações de informação

O coronel Sergei G. Chekinov e o general Sergeu A. Bogdanov, do Centro de Estudos Estratégicos e Militares do Estado-Maior das Forças Armadas da Federação Russa, em artigo de periódico militar, afirmaram que os meios de influência da informação atingiram tal perfeição, que podiam resolver tarefas estratégicas (CHEKINOV e BOGDANOV, 2010). Segundo eles, a informação

pode ser usada para prejudicar a governabilidade de um país, organizar protestos contra o governo, iludir os adversários, influenciar a opinião pública e reduzir a vontade de resistir de um oponente. E ainda, que é fundamental que tais atividades comecem antes do início das operações militares tradicionais. (CHEKINOV e BOGDANOV, 2015)

Nesse sentido, no plano externo, Moscou combinou dissimulação, fraude, ameaças e acusações na fabricação da narrativa para a comunidade internacional. Durante as campanhas na Crimeia e na Ucrânia oriental, Putin e os seus agentes negaram o envolvimento russo, utilizando simultaneamente a ameaça da dissuasão militar (inclusive a nuclear) caso fossem provocados demais. Rejeitando evidências de tropas russas na região, acusaram o Ocidente de intromissão em assuntos ucranianos e pela escalada das tensões.

No plano interno, a Rússia utilizou a situação política em Kiev para insuflar a população ucraniana de origem étnica russa. Muitos cidadãos de origem russa vivem na Ucrânia, em particular na região de Donbas e na Crimeia, fruto do passado de anexações e migrações populacionais. Foi utilizada uma variedade de meios para tal fim – televisão, internet, forças não-convencionais espalhando mensagens – exacerbando a tensão política e criando o pretexto de proteção dos russos étnicos.

No Departamento de História da Universidade de Donetsk, havia um grupo sob o patrocínio pessoal de Aleksandr Dugin. Todos os anos, ele organizava acampamentos, oferecia lições ideológicas à juventude graduada e instigava idéias neo-eurasianas. Taras Shumeyko – jornalista (apud BALABAN, VOLYANYUK, et al., 2017) – tradução nossa.

Durante as eleições presidenciais de 2004, o partido do candidato pró-Rússia, Yanukovich,

estava convencendo seus seguidores de que o partido de seu oponente, Yushchenko, era desdenhoso em relação às regiões Sul e Leste da Ucrânia; que os consideravam “inferiores”, quando comparados com as regiões central e ocidental. Embora Yanukovich tenha perdido essas eleições, as regiões do Sudeste tornaram-se a base eleitoral para ele e seu partido por muitos anos. (BALABAN, VOLYANYUK, et al., 2017)

Além disso, oligarquias locais no Leste ucraniano procuravam manter suas lucrativas relações econômicas com a Rússia, influenciando as decisões políticas de Kiev.

O argumento econômico foi sintetizado no slogan “Donbas alimenta a Ucrânia”. A suposta “injustiça” era que a política externa e a agenda ideológica eram formadas pelas “regiões subsidiadas”, enquanto Donbas era privada de seus direitos políticos. Até 2013, o Kremlin apoiou ativamente as atividades das organizações políticas pró-Rússia em Donetsk e Luhansk. (BALABAN, VOLYANYUK, et al., 2017)

Outra tentativa de criar uma identidade étnica foi o conceito de *Novorossiya*, oferecendo uma base histórica para os projetos federativos e separatistas das regiões do Sudeste da Ucrânia. No século XVIII, a província de *Novorossiya* foi estabelecida no Império Russo. Suas fronteiras estavam sempre mudando, mas nunca se igualaram às do atual projeto “*Novorossiya*” separatista.

Na mídia, todos os programas de notícias da TV russa noticiavam que a Ucrânia estava em desordem, com pessoas protestando contra o “golpe de Estado”, a “junta”, a “opressão dos cidadãos de língua russa”. Afirmavam que o fugitivo Viktor Yanukovich era o legítimo presidente da Ucrânia. Essas redes de televisão alcançavam boa parte do Leste ucraniano, moldando a percepção da população.

Putin mantinha uma rede de meios de comunicação financiada pelo Estado. A RT, abreviatura de *Russia Today*, foi criada para melhorar a imagem da Rússia no exterior, transmitindo em várias capitais mundo afora, por redes a cabo e satélite, nos Estados Unidos, na Europa, na Ásia e no Oriente Médio. (BALABAN, VOLYANYUK, *et al.*, 2017)

Segundo Rutenberg (2017), tamanha é a importância desses meios de comunicação financiados pelo governo Putin que, de acordo com um relatório das agências de inteligência do governo dos EUA, a RT e o resto da máquina de informação russa estavam sendo usadas para “operações secretas de inteligência” para “minar a ordem democrática liberal liderada pelos EUA” e influenciar as eleições norte-americanas. (EUA, 2017)

Na internet, em uma prática conhecida como “*troll*”, o governo russo pagou para que pessoas fizessem comentários pró-Rússia em redes sociais, *blogs*, vídeos e *sites* de notícias, com o intuito de disseminar uma campanha de desinformação, legitimar a anexação da Crimeia e apoiar os separatistas no leste ucraniano.

[...] a maior parte do que sabemos vem de uma série de vazamentos em 2013 e 2014, a maioria deles diz respeito a uma empresa de São Petersburgo chamada Internet Research Agency, depois renomeada como Internet Research. Acredita-se que seja uma das várias firmas onde os trolls são treinados e pagos para denegrir adversários de Putin, tanto no país como internacionalmente. De acordo com documentos divulgados por um grupo de hackers em 2013, a Internet Research Agency empregou mais de 600 pessoas em toda a Rússia e teve um orçamento anual de US\$ 10 milhões – metade pago em dinheiro. Os funcionários tinham como tarefa postar comentários em artigos de notícias 50 vezes por dia. Aqueles que escreviam blogs tinham que manter

seis contas no Facebook e publicar pelo menos três posts diários. No Twitter, eles precisavam ter pelo menos 10 contas, nas quais postavam 50 vezes. Todos tinham metas para o número de seguidores e o nível de engajamento que precisavam atingir (BENEDICTUS, 2016) – tradução nossa.

O Kremlin faz uso intensivo de redes sociais, especialmente a VK, com mais de 200 milhões de usuários, incluindo veteranos pró-Rússia para contar suas histórias com fins de propaganda. A VK, originalmente *VKontakte* (ВКонтакте em russo) é uma rede social de origem russa, equivalente ao *Facebook*. De acordo com a *Alexa Internet* (dados de 2018)⁴, é o 4º *site* mais visitado na Ucrânia e o 2º na Bielorrússia e na Federação Russa, sendo, nos três países, a rede social mais popular.

A seguir, os meios de influência para a construção da narrativa russa:

- **Russia Today** – canal de televisão estatal russo – lançado em 2005, tinha orçamento de US\$ 350 milhões em 2015. Concentra-se em desacreditar a imagem e as políticas do Ocidente, bem como qualquer percepção de uma verdade objetiva.
- **Sputnik** – agência internacional de notícias (radio e internet) do governo russo, que opera em mais de 30 (trinta) idiomas. Lançada em 2014, com orçamento de US\$ 140 milhões. É uma plataforma online que opera paralelamente à *Russia Today* (RT). É uma modernização da clássica infraestrutura e das ferramentas de informação soviéticas. A *Sputnik* é um modelo de *infotainment* (informação e entretenimento), com conteúdo multimídia atrativo, focando em notícias locais e usando a credibilidade de jornalistas conhecidos. Vende fotojornalismo,

transmissões ao vivo, infográficos e pesquisas de opinião. Está em expansão. Tem abrangência inclusive no Brasil.

- **Russia Beyond the Headlines (RBTH) e Russia Direct (RD)** – publicações multilingues. A RBTH busca parcerias com jornais ocidentais de reputação para parecer isenta e objetiva, enquanto mantém fortes laços com organizações patrocinadas pelo governo russo. A RD produz *newsletters* e reportagens especiais, parecendo uma fonte de informação legítima sobre a Rússia, enquanto é, extraoficialmente, parte do Kremlin.
- **Mídia sociais** – Moscou emprega *trolls* que postam propaganda pró-Rússia, sob falsas identidades. As operações nas mídias sociais são destinadas a frustrar *websites*, retardar trabalhos jornalísticos e reduzir a utilidade da internet como um espaço democrático.
- **Grupos de compatriotas russos** – Esses grupos representam infraestrutura crítica para os esforços de influência de Moscou, servindo como ligação para influenciar países com populações de língua russa. Trata esses compatriotas como ferramentas para políticas em países vizinhos, para construir a imagem da diplomacia russa ou legitimar a política externa que interfere nos assuntos de outros países.

Guerra Eletrônica e Guerra Cibernética

Investigações independentes realizadas por ativistas ucranianos e especialistas fornecem evidências do emprego de meios de Guerra Eletrônica contra a Ucrânia.⁵ Fruto desse emprego, os equipamentos de telefonia e rádio

usados pelas forças ucranianas constantemente apresentaram problemas.

Também, o emprego de meios de Guerra Eletrônica foi combinado com SARP e fogos, no nível tático, em formações de combate de batalhão, proporcionando a aceleração do processo identificação, aquisição de alvo, decisão, atuação por fogos, e gerando grandes perdas às forças ucranianas no Leste do país.

Outro elemento chave foi a implementação de propaganda, informação e campanhas de desinformação em larga escala. Para isso, a campanha desenvolvida por Moscou integrou um crescente uso de ataques cibernéticos.

De 2014 a 2017, mais de 7.000 ataques cibernéticos foram realizados contra o Estado ucraniano. Os mais graves foram o ataque contra os servidores do Comitê Eleitoral durante a eleição presidencial, contra as empresas de energia e os ataques a sítios de internet das autoridades públicas (RESISTÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2017). O Serviço de Segurança da Ucrânia advertiu que oficiais do governo estavam sendo alvos de ataques *Malware* de espionagem (chamados de “Snake”, “Uroboros” e “Turla”) desde 2010.

A inteligência russa também utiliza *hackers* que são cooptados ou mascarados como agentes não-governamentais. Um desses atuadores da Internet russa é chamado *CyberBerkut*, uma organização de fachada para ataques cibernéticos patrocinados pelo Estado russo, que apoia as operações militares e os objetivos estratégicos de Moscou na Ucrânia. A organização esteve ligada a múltiplos ataques cibernéticos e espionagem, incluindo ataques de negação de serviço (*DoS Attack*) contra a OTAN e os governos ucraniano e alemão. (DEFENSE INTELLIGENCE AGENCY, 2017)

Por fim, ressalta-se que muitos ucranianos acusaram o governo interino de Kiev de falta de ação e lentidão na resposta aos acontecimentos na Crimeia e no Leste do país. Portanto, fica evidenciado que as operações de informação levadas a efeito pela Rússia, com a atuação integrada de capacidades relacionadas à informação, afetaram o ciclo decisório das autoridades ucranianas, facilitando o desenvolvimento da campanha terrestre.

Conclusão

Após a dissolução da União Soviética, o recuo das forças russas para Leste foi sem precedentes. A fronteira russa nunca esteve tão perto de Moscou. Vladimir Putin chegou ao poder acreditando que o colapso da União Soviética foi a maior catástrofe geopolítica do século. Desde então, tenta restabelecer a hegemonia russa na Eurásia.

Assim, alinhados ao paradigma geopolítico, inferem-se os seguintes **objetivos políticos**:

- deter o avanço da OTAN para Leste;
- impedir que a Ucrânia se torne pró-Occidente;
- contrapor-se ao mundo unipolar liderado pelos EUA; e
- recobrar a hegemonia regional e a influência sobre seus vizinhos.

Esses objetivos foram perseguidos com limitada liberdade de ação, fruto da possibilidade de escalar o conflito, podendo ocasionar a participação de potências nucleares. Além disso, outro limitador foi a opinião pública internacional.

As ações da Federação Russa, principalmente na primeira fase do conflito, na Crimeia, caracterizaram o uso do **método da estratégia indireta**, com o emprego predominante das demais expressões do Poder Nacional, utilizando meios

políticos, econômicos e psicossociais, atuando a expressão militar como coadjuvante.

O modelo de planejamento estratégico apresentado foi o do emprego de uma série de **ações sucessivas**, combinando a ameaça direta e a pressão indireta, bem como limitadas ações em força, mesclando ações políticas, diplomáticas, psicológicas e militares, tendo sempre presente a preocupação de não agravar o conflito. As operações russas visaram moldar e manipular as percepções e comportamentos das audiências estrangeiras. Buscaram explorar a margem de liberdade de ação obtida pela manobra exterior, com a narrativa de proteção dos russos étnicos, para a execução de ações políticas, psicológicas e militares com o objetivo de alcançar a decisão e estabelecer um fato consumado. As fases das ações sucessivas caracterizaram-se pelo emprego da surpresa e pela rapidez de sua execução. Durante todo o processo, a negativa da participação russa serviu para evitar a escalada ao extremo do conflito, que resultasse em uma guerra total com outros países europeus. Reafirmou-se que a utilização da informação como arma é um aspecto fundamental da estratégia da Rússia e é empregada em tempo de paz, crise e guerra.

Esse mecanismo de agressão consiste na divisão do país por dentro. Para isso, os ressentimentos internos existentes (linhas de fratura) são insuflados de todas as formas possíveis, não importando de que tipo eles são - étnicos, religiosos, sociais ou territoriais. A população do país vítima torna-se completamente desorientada em termos referenciais do “nós e eles”. Em vez de se unir em face da agressão externa, parte da população entra em choque contra a outra parte de seu próprio povo.

Enquanto isso, o agressor assume o papel de protetor de uma parte, no conflito que ele

mesmo criou. E os países que são vítimas desse tipo de agressão são derrotados sem mesmo conseguir identificar quem é o agressor.

Pode-se inferir, como o Estado Final Desejado das operações militares russas, a região de Donbas controlada pelos separatistas, as forças ucranianas e o governo local expulsos, o território conquistado autossuficiente e a liberdade de ação russa mantida. Para isso, as Linhas de Operação foram o controle das linhas de comunicação (aeroporos, portos e nos rodoviários), a rendição das forças ucranianas da Crimeia e o isolamento e cerco das forças em Donbas. Por sua vez, as Linhas de Esforço foram a manutenção da superioridade de informações, a conquista e manutenção da superioridade aérea e a manutenção das infraestruturas críticas em funcionamento.

Foram essenciais para se atingir o Estado Final Desejado:

- o emprego de forças e equipamentos sem identificação, para negar o envolvimento no conflito;
- o emprego de Forças-Tarefa Batalhão com atuação independente, mantendo baixo perfil, facilitando o desdobramento de força, por infiltração, no interior da Ucrânia; e
- a capacidade de autossustentação dos batalhões, pela formação modular, agregando meios de guerra eletrônica, defesa anti-aérea e de apoio de fogo de longo alcance (baterias de foguetes).

Mas se as ações descritas podem ser vistas como comuns aos conflitos híbridos, bem como afetar à guerra convencional, em uma segunda fase, o que há de diferente no tipo de guerra aplicado pela Rússia?

- Sua escala.

A estratégia russa no conflito da Ucrânia, à luz da doutrina militar brasileira, pode ser caracterizada como um novo tipo de guerra, **pois fez uso de meios das demais expressões do Poder Nacional**, sincronizados no tempo e no espaço com as ações militares, **com o predomínio dos primeiros**, em uma intensidade até então inédita.

Conforme afirmou Gerasimov (2013), as regras da guerra mudaram. **O papel dos meios não-militares de alcançar objetivos políticos e estratégicos cresceu** e, em muitos casos, excederam o poder da força das armas em sua eficácia. Esses meios foram complementados por **meios militares velados**, incluindo a realização de ações de guerra de informações e as ações de forças de operações especiais.

Outro aspecto a considerar é a percepção da guerra como um conceito atrelado à violência. Segundo aponta a Doutrina Militar Terrestre brasileira, a guerra é o conflito no seu grau máximo de violência, podendo implicar, em função de sua magnitude, a mobilização de todo o Poder Nacional.

Embora afirme que na guerra todo o Poder Nacional pode ser aplicado, salienta que o emprego de sua expressão militar é predominante. Define o espectro dos conflitos quanto ao grau de violência.

Não há dúvidas de que a Rússia e a Ucrânia estiveram em um estado de beligerância. É comum referir-se ao tema aqui analisado como “Guerra da Ucrânia” ou “Conflito da Ucrânia”. Mas será que o emprego da expressão militar foi predominante? Ainda que se afirme que no Donbas tenha sido, o que dizer da Crimeia? E exagerando ao extremo, é possível guerra sem violência?

O que se pretende é concluir, ou ao menos trazer à atenção, que nos dias atuais a guerra se torna cada vez mais disforme e sutil, dificultando a percepção da ameaça e o processo de tomada de decisão, acarretando a perda da iniciativa e a possibilidade de derrota por inação.

Isso requer a atenção quanto à velocidade em que o conflito e a guerra surgem e escalam e, portanto, a necessidade de preparar-se para as diversas hipóteses e cenários, com uma mobilização de curtíssimo prazo.

Militarmente, os russos reuniram métodos regulares e irregulares em uma **combinação muito flexível**, empregando-os de forma **altamente integrada**. Perceberam a guerra em um sentido mais amplo e não-linear e, portanto, além de táticas clássicas no campo militar, eles também empregaram **todos os meios da era da informação** para obter vantagem sobre seus inimigos.

Tamanho é a importância da superioridade de informações nos dias atuais, que se verifica a necessidade de considerar, na Força Terrestre brasileira, a maior integração das capacidades relacionadas à informação (inteligência, guerra eletrônica, guerra cibernética, operações psicológicas e comunicação social), subordinando-as às operações de informação, evitando a atuação independente de cada uma delas. Nas Forças Armadas da Federação Russa, essas capacidades estão integradas sob o manto da guerra de informações (*informatsionnaya voyna*) e **subordinadas a um órgão central, possibilitando a unidade e convergência de esforços**.


De acordo com a doutrina militar da Federação Russa (2010), uma das características dos conflitos militares modernos é a implementação prévia de medidas de guerra de informação, a fim de alcançar objetivos políticos sem a

utilização da força militar e moldar uma resposta favorável da comunidade internacional para a utilização da força. Em consequência, as **ferramentas de guerra de informações devem ser utilizadas antes do início das operações militares**, a fim de alcançar os objetivos do Estado sem ter que recorrer ao uso da força ou, sendo seu uso necessário, desorientando e desmoralizando o adversário, garantindo que o Estado é capaz de justificar suas ações perante a opinião pública. Assim, as **estruturas relacionadas às operações de informação tornam-se uma ferramenta do Estado, legítima e necessária em tempo de paz, bem como na guerra**.

O Manual de Campanha Operações de Informação (BRASIL, 2014), quando trata das estruturas responsáveis pelo planejamento, condução e avaliação das operações de informação, afirma que a **partir do nível político**, especialistas em operações de informação (Op Info) do Exército, **quando requisitados**, podem integrar, sob a coordenação do Ministério da Defesa, um Grupo de Trabalho Interministerial (GTI). E **no nível estratégico**, uma equipe de Op Info da Força Terrestre, **quando requisitada**, poderá participar de um Grupo de Integração Interforças (GII), sob a coordenação do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA). Portanto, além da ativação do GII, ressalta-se que **não há previsão de uma estrutura permanente, no nível de planejamento estratégico**, responsável por lidar com a complexidade das Op Info, especificamente destinada a coordenar os esforços e a desenvolver estratégias.

Por fim, cabe ressaltar que a ideia de que qualquer abordagem “nova” para a guerra, incluindo a “guerra híbrida”, pode levar a repetidas vitórias

militares, reflete uma incorreta compreensão da condução da guerra, enfatizando as capacidades operacionais e a doutrina em detrimento da Estratégia. Em outras palavras, a presunção de que qualquer modo definido de guerra ou abordagem doutrinária levará à vitória militar, independentemente das circunstâncias, **negligencia o fato de**

que o sucesso de uma estratégia é sempre dependente do contexto. A Estratégia trata da aplicação da força militar num caso particular, para atingir fins específicos. Em resumo, **guerra híbrida não é uma estratégia em si mesma, mas apenas uma forma de abordagem operativa que foi utilizada para se atingir um objetivo específico.** 

Referências

BALABAN, M. et al. **Donbas In Flames - Guide to the conflict zone.** Lviv: Prometheus, 2017.

BARTLES, C. K. Getting Gerasimov Right. **Military Review**, Fort Leavenworth, Kansas, January-February 2016.

BENEDICTUS, L. Invasion of the troll armies: from Russian Trump supporters to Turkish state stooges. **The Guardian**, 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2016/nov/06/troll-armies-social-media-trump-russian>>. Acesso em: 27 agosto 2018.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB20-MC-10.213 Operações de Informação.** 1ª. ed. Brasília: 2014.

CHEKINOV, S. G.; BOGDANOV, S. B. Asymmetrical Actions to Maintain Russia's Military Security. **Military Thought - A Russian Journal of Military Theory and Strategy**, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.eastviewpress.com/Files/MT_FROM%20THE%20CURRENT%20ISSUE_No.1_2010_small.pdf>. Acesso em: 5 setembro 2018.

CHEKINOV, S. G.; BOGDANOV, S. B. The Art of War in the Early 21st Century: Issues and Opinions. **Military Thought - A Russian Journal of Military Theory and Strategy**, v. 1, 2015. Disponível em: <http://www.eastviewpress.com/Files/ToC_MT_01_2015.pdf>. Acesso em: 5 setembro 2018.

CLOVER, C. The Unlikely Origins of Russia's Manifest Destiny. **Foreign Policy**, 27 julho 2016. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2016/07/27/geopolitics-russia-mackinder-eurasia-heartland-dugin-ukraine-eurasianism-manifest-destiny-putin/#>>. Acesso em: 31 maio 2018.

CORDESMAN, A. H. A Russian Military View of a World Destabilized by the US and the West (Full Report). **Center for Strategic & International Studies**, 28 maio 2014. Disponível em: <https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/legacy_files/files/publication/140529_Russia_Color_Revolution_Summary.pdf>. Acesso em: 24 maio 2018.

DEFENSE INTELLIGENCE AGENCY. Russia Military Power, 2017. Disponível em: <<http://www.dia.mil/Portals/27/Documents/News/Military%20Power%20Publications/Russia%20Military%20Power%20Report%202017.pdf>>. Acesso em: 5 setembro 2018.

DUGIN, A. **The Foundations of Geopolitics: The Geopolitical Future of Russia**. Moscou: Arktogeja, 1997.

DUNLOP, J. B. Russia's New—and Frightening—“Ism”. **Hoover Digest**, 30 julho 2004. Disponível em: <<https://www.hoover.org/research/russias-new-and-frightening-ism>>. Acesso em: 31 maio 2018.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **Threat Tactics Report: Russia**. v 1.1 Oct 2015. ed. Fort Eustis: United States Army Training and Doctrine Command, 2015. TRADOC G-2 ACE Threats Integration.

_____. **Assessing Russian Activities and Intentions in Recent US Elections**. Office of The Director of National Intelligence. [S.l.]. 2017. (ICA 2017-01D).

FEDERAÇÃO RUSSA. The Military Doctrine of the Russian Federation. **Carnegie Endowment for International Peace**, 2010. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/files/2010russia_military_doctrine.pdf>. Acesso em: 2018.

FOX, A. C. **Hybrid Warfare: The 21st Century Russian Way of Warfare**. Fort Leavenworth, Kansas: School of Advanced Military Studies, United States Army Command and General Staff College, 2017.

FRIEDMAN, G. 10 Maps That Explain Russia's Strategy. **Forbes**, 2016. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/johnmauldin/2016/02/26/10-maps-that-explain-russias-strategy/#9d8301523ece>>. Acesso em: 01 outubro 2018.

GASPAR, C. A Rússia e a segurança européia. **Nação e defesa**, Lisboa, dezembro 2004.

GERASIMOV, V. ЦЕННОСТЬ НАУКИ В ПРЕДВИДЕНИИ (O Valor da Ciência Está na Previsão - novos desafios demandam repensar as formas e os métodos de conduzir as operações de combate), Moscou, n. № 8 (476) / 27 de fevereiro-5 de março de 2013, 25 fevereiro 2013. Disponível em: <https://vpk-news.ru/sites/default/files/pdf/VPK_08_476.pdf>. Acesso em: 12 agosto 2018.

_____. On the role of military forces in contemporary conflicts. In: _____ **III MOSCOW CONFERENCE ON INTERNATIONAL SECURITY, 2014, Moscou. Proceedings**. Moscou: Ministério da Defesa da Federação Russa, 2014. Disponível em: <http://eng.mil.ru/files/MCIS_report_catalogue_final_ENG_21_10_preview.pdf>. Acesso em: 8 julho 2018.

_____. The Value of Science Is in the Foresight: New Challenges Demand Rethinking the Forms and Methods of Carrying out Combat Operations. **Military Review**, January-February 2016. Disponível em: <http://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/MilitaryReview_20160228_art008.pdf>. Acesso em: 10 abril 2018.

GRAMMATICUS, D. Chechnya's troubled election. **BBC News**, 3 outubro 2003. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3162770.stm>>. Acesso em: 14 agosto 2018.

GRYTSENKO, O. Remembering the shelling: 'We saw a glow, they were burned alive'. **The Guardian**, 17 fevereiro 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/feb/17/remembering-the-shelling-we-saw-a-glow-they-were-burned-alive>>. Acesso em: 11 agosto 2018.

GUTTERMAN, S. Russia blocks internet sites of Putin critics. **Reuters**, 13 março 2014. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-russia-internet/russia-blocks-internet-sites-of-putin-critics-idUSBREA2C21L20140313>>. Acesso em: 14 julho 2018.

INFORMNAPALM INTERNATIONAL COMMUNITY. Russian electronic warfare stations in Donbas. **InformNapalm**, 2016. Disponível em: <<https://informnapalm.org/en/russian-electronic-warfare-stations-donbas/>>. Acesso em: 05 setembro 2018.

INTERNATIONAL COMMITTEE FOR CRIMEA. The Transfer of the Crimea to the Ukraine, julho 2005. Disponível em: <<http://www.iccrimea.org/historical/crimeatransfer.html>>. Acesso em: 9 maio 2018.

LUHN, A. Volunteers or paid fighters? The Vostok Battalion looms large in war with Kiev, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2014/jun/06/the-vostok-battalion-shaping-the-eastern-ukraine-conflict>>. Acesso em: 11 agosto 2018.

LUHN, A.; GRYTSENKO, O. Ukrainian soldiers share horrors of Debaltseve battle after stinging defeat. **The Guardian**, 18 fevereiro 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/feb/18/ukrainian-soldiers-share-horrors-of-debaltseve-battle-after-stinging-defeat>>. Acesso em: 25 agosto 2018.

PLOKHY, S. **The Origins of the Slavic Nations**: Premodern Identities in Russia, Ukraine, and Belarus. Cambridge : Cambridge University Press, 2006.

QUEIROZ, H.; QUINTSLR, H. M. Geopolítica e Vulnerabilidade Energética: o fantasma das crises de abastecimento de gás ronda a Europa. **GGN**, 24 abril 2018. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/blog/ronaldo-bicalho/geopolitica-e-vulnerabilidade-energetica-o-fantasma-das-crisis-de-abastecimento-de-gas-ronda-a-europa>>. Acesso em: 7 junho 2018.

RINGIS, A. Three Generations of Pain. What May 18th Means for Crimean Tatars. **Ukrayinska Pravda**, 18 maio 2016. Disponível em: <<https://www.pravda.com.ua/eng/articles/2016/05/18/7108814/>>. Acesso em: 14 agosto 2018.

RUTENBERG, J. RT, Sputnik and Russia's New Theory of War. **The New York Times Magazine**, 13 setembro 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/09/13/magazine/rt-sputnik-and-russias-new-theory-of-war.html>>. Acesso em: 27 agosto 2018.

SANTOS, E. E. S. A Geopolítica Russa: De Pedro “O Grande” a Putin, a “Guerra-Fria”, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. **Revista Militar**, fevereiro-março 2008. Disponível em: <<https://www.revistamilitar.pt/artigo/267>>. Acesso em: 31 maio 2018.

SHORINA, O.; YASHIN, (Eds.). **Putin. War - An Independent Expert Report (Путин. Война)**. Moscou: [s.n.], 2015. Disponível em: <<https://www.putin-itogi.ru/putin-voina/>>. Acesso em: 5 setembro 2018.

SHOYGU, S. K. Global security and regional stability. In: _____ **III MOSCOW CONFERENCE ON INTERNATIONAL SECURITY, 2014, Moscou. Proceedings**. Moscou: Ministério da Defesa da Federação Russa, 2014. Disponível em: <http://eng.mil.ru/files/MCIS_report_catalogue_final_ENG_21_10_preview.pdf>. Acesso em: 8 julho 2018.

TEIXEIRA, J. A. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, 2009. ISSN 13.

THE ATLANTIC. Believed to Be Russian Soldiers. **The Atlantic**, 11 março 2014. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/photo/2014/03/believed-to-be-russian-soldiers/100696/>>. Acesso em: 7 julho 2018.

UKRAINE.CSIS.ORG. Russian Forces Occupy Strategic Facilities in Crimea. **The Ukraine Crisis Timeline**, 28 fevereiro 2014a. Disponível em: <<http://ukraine.csis.org/crimea.htm#3>>. Acesso em: 11 julho 2018.

_____. Russian Forces Seize Gas Distribution Station Outside Crimea. **The Ukraine Crisis Timeline**, 15 março 2014b. Disponível em: <<http://ukraine.csis.org/crimea.htm#24>>. Acesso em: 14 julho 2018.

_____. The Ukraine Crisis Timeline, 18 março 2014c. Disponível em: <<http://ukraine.csis.org/crimea.htm#32>>. Acesso em: 15 julho 2018.

Информационное Сопротивление - RESISTÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Кибервойна: за три года на Украину осуществлено 7000 кибератак (Ciberguerra: nos três últimos anos, mais de 7000 ataques cibernéticos realizados contra a Ucrânia), 2017. Disponível em: <<http://sprotyv.info/ru/news/kyev/kibervoyuna-za-tri-goda-na-ukrainu-osushchestvleno-7000-kiberatak>>. Acesso em: 5 setembro 2018.

Notas

- ¹ O livro “Fundamentos de geopolítica: o futuro geopolítico da Rússia” (tradução nossa) tem tido uma grande influência nas elites militares e políticas russas (CLOVER, 2016). O livro é utilizado como leitura obrigatória na Academia de Estado-Maior das Forças Armadas da Federação Russa (DUNLOP, 2004).
- ² Em março de 2003, o governo russo organizou um referendo na Chechênia, sobre a nova Constituição local, que ratificaria a subordinação da república a Moscou. A lei foi aprovada por 96% dos eleitores, mas o referendo foi considerado irregular e condenado internacionalmente. Num pleito igualmente criticado, em outubro de 2003, Akhmad Kadyrov foi eleito presidente da Chechênia, com 81% dos votos. (GRAMMATICUS, 2003). Alguns analistas acreditam que o batalhão *Vostok* é um exército de mercenários dirigido ou ao menos ligado à inteligência russa.
- ³ <https://www.alexa.com/topsites/countries>
- ⁴ Como exemplo dessas iniciativas de investigação, tem-se a *InformNapalm* (<https://informnapalm.org/ua/>), que surgiu como uma resposta à agressão russa na Ucrânia, em março de 2014. Foi criada pelo jornalista Roman Burko (Ucrânia) e pelo especialista militar Irakli Komaxidze (Geórgia).